

# História oral em movimento (há 30 anos)

*Oral history in motion (for 30 years)*

FERREIRA, Marieta de Moraes; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.) (2024). *O desafio do diálogo: Reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*. Rio de Janeiro: FGV Editora. São Paulo: Letra e Voz.

## Igor Lemos Moreira

Doutor em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil  
Professor Adjunto no departamento de História da Universidade Estadual do Paraná (Unespar - Paranaguá), Brasil  
igorlemoreira@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0001-6353-7540>  
<http://lattes.cnpq.br/2889830742673964>

**Resumo:** Esta resenha analisa a coletânea *O desafio do diálogo: reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*, organizada por Marieta de Moraes Ferreira e Ricardo Santhiago. A obra reúne dezesseis artigos que mapeiam a trajetória da História Oral no Brasil, abordando suas bases teóricas, metodológicas e temáticas. O livro destaca a centralidade do diálogo e da colaboração na prática historiográfica, evidenciando o papel da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) como eixo estruturante do campo. A coletânea apresenta-se como um balanço crítico da área, além de um convite à reflexão e ao engajamento de novos pesquisadores.

**Palavras-chave:** História Oral; Historiografia; Diálogo.

**Abstract:** This review analyzes the collection *The Challenge of Dialogue: Reflections on Oral History in the 30 Years of ABHO*, organized by Marieta de Moraes Ferreira and Ricardo Santhiago. The book gathers sixteen articles that map the trajectory of Oral History in Brazil, addressing its theoretical, methodological, and thematic foundations. It highlights the centrality of dialogue and collaboration in historiographical practice, emphasizing the role of the Brazilian Oral History Association (ABHO) as a structuring axis of the field. The collection serves as a critical assessment of the area and an invitation for reflection and engagement from new researchers.

**Keywords:** Oral History; Historiography; Dialogue.

Desde as últimas décadas do século passado, a História Oral no Brasil estabeleceu-se como metodologia e campo, além de se consolidar como um movimento composto por pesquisadores/as dedicados/as a repensar as práticas historiográficas e aliados/as ao diálogo com sujeitos vivos e ao princípio da colaboração. Por um lado, ao longo dos anos 1970 e 1980, diferentes iniciativas voltaram-se a compreender a História Oral como uma forma de documentar experiências vividas em passado recente e criar arquivos/acervos que armazenassesem tais memórias para pesquisas futuras, como o caso do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas. Em paralelo, diferentes iniciativas passaram a surgir nos anos seguintes em relação à compreensão da História Oral como mais do que uma metodologia, mas enquanto uma prática historiográfica que, a partir da experiência da escuta e da fala, renovaria o lugar do sujeito, da vivência, da lembrança e das trajetórias na historiografia.

Na ocasião de celebração dos trinta anos da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), fundada em 1994, em meio a movimentos internacionais que criavam redes dedicadas ao tema<sup>1</sup> e a partir de eventos nacionais que permitiram o início de mobilizações e aproximações de pesquisadores/as dedicados ao uso de entrevistas na operação historiográfica, Marieta de Moraes Ferreira e Ricardo Santhiago organizaram uma coletânea especialmente para mapear pesquisas, discussões teóricas, trajetórias e agendas de investigação ocorridas na área nas últimas três décadas. O resultado materializou-se no livro *O desafio do diálogo: reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*, publicado em 2024, por meio de uma colaboração entre a FGV Editora e a Editora Letra e Voz. Ainda que o título vincule a proposta a uma reflexão sobre a Associação, a coletânea não se limita a ser uma análise sobre a ABHO em si, ou mesmo um esforço memorialístico e comemorativo sem uma dimensão analítica e crítica. Além do reconhecimento da centralidade da Associação para a criação de um movimento de dimensões nacionais e com potencial de estruturar comunidades de investigação e prática, a obra constitui-se como um ponto de partida e reunião de pesquisas, bem como uma lente de aumento e análise sobre a atualidade da História Oral no país.

A coletânea, que reúne dezesseis artigos, encontra-se estruturada em três seções que buscam, de forma complementar, discutir o status da História Oral após trinta anos de fundação

<sup>1</sup> Em 1996, por exemplo, foi fundada a International Oral History Association (IOHA) com ampla presença e participação de pesquisadores brasileiros, como evidencia Marieta de Moraes Ferreira (2024).

da Associação Brasileira de História Oral. A obra parte, primeiramente, das discussões mais teóricas e metodológicas relacionadas à constituição do campo, passando, posteriormente, pela polifonia e multiplicidade de temas abordados, e finalizando, portanto, com a discussão de temas latentes e de ampla expansão na historiografia das e com as oralidades.

A primeira seção, intitulada “A plasticidade do método”, reúne quatro artigos que buscam estabelecer alguns marcos sobre como o movimento da História Oral no país foi estruturado em meio a experiências de pesquisa, trajetórias acadêmicas e redes nacionais e internacionais. Em “Uma conversa sobre história oral e questões teórico-metodológicas”, Angela de Castro Gomes e Verena Alberti (2024) travam um diálogo potente sobre suas experiências de pesquisa e como estas se confundem com o percurso institucional da História Oral brasileira. Escrito em formato de diálogo, o capítulo evidencia os modos como o uso de entrevistas e a discussão sobre a História Oral foram inseridas no Brasil a partir das provocações e contextos de análise, em particular aqueles ligados ao tempo presente, demonstrando seu caráter de movimento, muito mais do que uma perspectiva acadêmica fechada em si mesma.

O capítulo seguinte, “História oral e ética: comunidades de prática e de escuta”, de Carla Simone Rodeghero (2024), discute as dimensões éticas contemporâneas no campo da História Oral a partir da noção de “comunidade”. Partindo da noção de “comunidades de prática”, de Étienne Wenger, e de “comunidade de ouvintes”, de Marta Rovai, Rodeghero argumenta que a História Oral, em particular aquela desenvolvida a partir dos marcos da ABHO, não se delimita apenas na construção de um campo teórico-metodológico dissociado das práticas de escuta e das redes de diálogo. Em “História Oral e Imagem”, Ana Maria Mauad (2024) promove um exercício sobre como, a partir de suas experiências de pesquisa, as relações entre cultura visual e oralidade se potencializam quando a História Oral é mobilizada como prática e enquanto movimento. Articulando sua trajetória de pesquisa ao percurso do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense, a autora ressalta que tal articulação coloca aos/as historiadores/as uma potencialidade e um desafio no que se refere às formas de narrar e às operações narrativas da historiografia: o uso de outras linguagens que deem conta do intertextual e da interdiscursividade da memória.

No último capítulo da seção, intitulado “História oral e formação de novos pesquisadores: breves notas de uma experiência de extensão”, Fernando Sossai (2024) dedica-se a

refletir sobre a experiência de formação de novos/as pesquisadores/as em História Oral, a partir dos projetos de extensão universitária desenvolvidos pelo Laboratório de História Oral da Universidade da Região de Joinville. Ao partir de projetos voltados ao bairro Jardim Sofia, o autor defende que a História Oral, ao assumir uma proposta educacional com perspectiva colaborativa, pode potencializar o próprio sentido e lugar social da história na sociedade contemporânea, estimulando o reconhecimento, a construção de imaginários e identidades e, principalmente, tornando-se vetor de transformação social.

A segunda seção do livro, “O Vasto Campo da História Oral”, discute temas consolidados no campo, partindo de reflexões consideradas estruturais e “centrais” – a exemplo das relações de trabalho, ditadura, religiosidade, meio ambiente, velhice e educação. O argumento que perpassa o conjunto de textos é que, sem tomar perspectivas inéditas e/ou novos objetos e temas como eixo central de análise historiográfica, a História Oral promove, nos referidos temas, uma renovação epistêmica e metodológica, ao aproximar-se da experiência e das histórias de vida em perspectivas colaborativas. Todos os capítulos presentes, inclusive, realizam, em paralelo às suas análises, algum tipo de balanço da produção historiográfica de associados e integrantes da ABHO, seja por meio dos Encontros Nacionais e Regionais ou da Revista Brasileira de História Oral.

Essa proposta é o mote central, por exemplo, do capítulo “História oral, memória e trabalho: reflexões”, de Regina Beatriz Guimarães Neto e Antonio Torres Montenegro (2024), e do texto “História Oral da ditadura: esquerdas e militares”, assinado por Maria Paula Araujo e Samantha Quadrat (2024). Ambos se dedicam a analisar temas consolidados na historiografia brasileira (História do Trabalho e História das Ditaduras) a partir da História Oral, de forma a evidenciar as contribuições, sobretudo, o quanto tais abordagens têm sido fecundas em estudos contemporâneos nas referidas áreas.

Já os capítulos “Espiritismo: reflexões de uma pesquisa”, de Alice Beatriz da Silva Gordo Lang (2024), e “História oral e meio ambiente: territórios em diálogo na experiência brasileira”, de Andréa Casa Nova Maia e Marcos Montysuma (2024), demonstram como a História Oral auxilia a compreender determinados processos e/ou experiências que são marcados por práticas nas quais a escrita não é a principal forma de registro e/ou a oralidade se destaca como principal vetor de memórias e estruturação de experiências, como as práticas religiosas. Além disso, os

textos demonstram os desafios de uma História Oral não somente dialógica, mas colaborativa, marcada pelas experiências e tensões que a envolvem.

Os últimos dois capítulos da seção, intitulados respectivamente – “Velhices, história oral e as tessituras do urbano”, de Lívia Moraes Garcia Lima (2024), e “História oral e histórias de professores”, de Aliny Dayany P. de M. Pranto, Everardo Paiva de Andrade e Juniele Rabêlo de Almeida (2024) – debruçam-se sobre temas e campos que constantemente retomam o uso de entrevistas que se encontram na base estruturante da História Oral (os debates sobre envelhecimento/gerações e a educação) e que têm se renovado a partir das novas pesquisas e práticas. Em particular, ressalta-se a perspectiva de compreender a dimensão pública, colaborativa e dialógica da condução e construção de entrevistas, seja a partir de experiências e sujeitos inseridos em contextos específicos ou de práticas de entrevistas públicas, realizadas em conjunto e por diferentes sujeitos ao mesmo tempo. Esses artigos retomam textos considerados canônicos para a área, como o livro *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*, de Eclea Bosi (2009), e demonstram a potencialidade da História Oral como uma comunidade de praticantes abertos à escuta e ao diálogo, na medida em que as entrevistas podem ser consideradas, na perspectiva de Rodeghero, em seu capítulo na coletânea, como “entre-vistas” (PORTELLI, 2016).

A última seção da coletânea, intitulada *Temas urgentes, temas emergentes*, reúne outros seis artigos que se debruçam a analisar temas em expansão nas pesquisas que mobilizam a História Oral, a exemplo da história das juventudes, das sexualidades, dos esportes e das artes. Reunindo pesquisadores(as) consolidados e jovens historiadores(as) que se colocaram em diálogos efetivos e profícuos, a referida seção reúne experiências que, nas últimas três décadas, passaram a esticar a elasticidade da História Oral produzida no Brasil, de forma a demandar renovações metodológicas e renovar o campo em constante movimento, a partir de outras questões, problemáticas, suportes e diálogos.

O texto de abertura da seção – “História Oral à Amazônica: trajetórias de (des)aprendizagem”, assinado por Dernival Venâncio Ramos Júnior, Idelma Santiago da Silva e Airton dos Reis Pereira (2024) – configura-se um exemplo de tal pretensão ao reivindicar um lugar geopolítico central para a História Oral, justamente quando esta estabelece encontros e diálogos que são tanto investigativos quanto de solidariedade e mobilização com práticas-saberes de povos originários, quilombolas, ribeirinhos, extrativistas, camponeses, sem-terra, entre outros.

Os autores consideram, inclusive, a região Amazônica como esse espaço central de produção e renovação, localidade marcada pela confluência de saberes e a luta constante por sua sobrevivência. Com provocação consonante, o artigo “História Oral e questões raciais: experiências e oralidades negras”, assinado por Samuel S. R. de Oliveira e Roberto Carlos S. Borges (2024), defende a centralidade de (re)pensar a História Oral não apenas como campo ou metodologia, mas enquanto prática e movimento antirracista que possibilite tanto a elaboração de ações educacionais, como também de outros espaços e formas de narrar que reconstruam uma história, antes majoritariamente branca e colonial. A contribuição, neste sentido, reforça especialmente um compromisso político e social, o qual a própria História Oral possui em seu *ethos* constitutivo, de acordo com o que reafirma Verena Alberti (2016).

Os artigos seguintes tratam de dois temas latentes, em particular para discussões contemporâneas em torno da interseccionalidade e dos diversos marcadores sociais da diferença que atravessam a constituição de sujeitos e, deste modo, se fazem presentes na prática da História Oral. Em “Lembranças de jovens e sobre as juventudes”, Gabriel Amato (2024) tensiona uma compreensão relativamente cristalizada que restringe o campo da História Oral à entrevista de pessoas mais velhas, associando-o exclusivamente apenas ao recorte geracional da velhice. Seu artigo, de certo modo, complementa o de Livia Moraes ao lançar luz sobre novas formas de compreender e perceber o uso de entrevistas, que rompem com teleologias e visões “salvacionistas” da História Oral como metodologia de “preservar memórias” antes que sujeitos faleçam. O artigo seguinte, “História Oral e História Transviada no Brasil”, assinado por Benito Bisso Schmidt e Ronald Canabarro (2024), apresenta-se como um estudo especialmente voltado a mapear e interpretar as principais matrizes analíticas, práticas e metodológicas do uso da História Oral para o estudo da chamada “História Transviada”, com particular ênfase nas discussões sobre as populações LGBTQIAPN+ no Brasil. Os autores demonstram a fecundidade do campo e a presença, mesmo que, por vezes, não observada, constante de investigações nessa área em periódicos e publicações.

Por fim, os capítulos finais apresentam dois campos consolidados enquanto agendas de pesquisa nas últimas três décadas, mas ainda com latentes frentes de investigação e atuações possíveis. Em “História Oral e esportes: paralelismos, interfaces e cruzamentos”, Bernardo Buarque de Hollanda e Raphael Rajão Ribeiro (2024) demonstram como a História Oral,

inicialmente percebida apenas como metodologia de suporte a investigações acerca das práticas corporais e esportivas, pode ser compreendida como parte de uma abordagem e de uma visão da pesquisa sobre os esportes no Brasil, evidenciando e possibilitando uma escuta sensível aos corpos que produzem efemeridades em movimentos, mas que despertam profundas mobilizações. Visando demonstrar sua hipótese, os autores produzem um amplo estudo da arte sobre as interfaces e experiências de pesquisa existentes desde os anos 1980, sistematizando sua trajetória de estudos e suas principais questões. Já Miriam Hermeto (2024), em “História oral e artes: possibilidades e desafios para um campo e uma instituição”, fecha a coletânea em um ensaio potente que, por um lado, discute e analisa as relações entre História Oral e Artes nas pesquisas, evidenciando as interconexões e possibilidades carentes; enquanto por outro, busca reaproximar a ideia da História Oral como uma arte da escuta (PORTELLI, 2016) e como um movimento composto por pesquisadores e pesquisadoras em uma rede interconectada de apoio, afeto e sensibilidade.

O conjunto de dezesseis artigos reunidos em *O desafio do diálogo* demonstra a multiplicidade e a potencialidade da História Oral desenvolvida no Brasil. Em particular, a obra procura inscrever tais debates em torno da ideia de “movimento”, muito mais do que um campo ou apenas uma abordagem metodológica, apesar de reconhecer e apresentar textos que possuem diferentes concepções sobre essas definições que marcam a própria configuração da História Oral brasileira. Ao longo dos artigos apresentados, torna-se evidente que essa ideia de movimento implica ao menos duas compreensões centrais: o movimento como o ato de reunir e articular pesquisadores e pesquisadoras no âmbito de pautas comunicantes (mesmo que distintas), criando uma rede de fortalecimento e expansão da presença e dos debates – dimensão em que a ABHO apresenta-se, então, como ponte e palco; e o movimento como um deslocamento de sentidos, significados e perspectivas, na medida em que o ato de aproximar-se de sujeitos vivos, de dialogar e colaborar, implica a mobilidade de toda uma estrutura (pesquisador, teoria, metodologia, empiria) em direção ao desconhecido e a si mesmo, numa autorreflexividade que se desdobra da prática (SANTHIAGO, 2018).

É justamente nessa chave-dialógica que o desafio do diálogo se estabelece como elemento central e mote estruturante. A partir de diferentes perspectivas e recortes, os artigos das seções dois e três evidenciam que a relação estabelecida entre sujeitos e pesquisadores, por meio da

História Oral, potencializa e renova a historiografia – mote e tese central adotada pela coletânea. No entanto, é importante ressaltar que tal hipótese não parte de um entendimento de que a produção em História Oral seria uma espécie de motor-único de renovações epistêmicas, em detrimento de outros campos, mas reconhece que a articulação e movimentação estabelecida por aqueles/as que se dispõem a estabelecer o “diálogo” seria um elemento central de renovação historiográfica no tempo presente, evidenciando um papel social estruturante ao pesquisador.

A coletânea *O desafio do diálogo: Reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO* inscreve-se, deste modo, como um mapeamento amplo e importante de pesquisas na área, visando, em particular, o estímulo e o convite à reflexão e a novos pesquisadores e novas pesquisadoras a integrarem esse movimento. Em conjunto a tal perspectiva, o livro apresenta um balanço de fôlego, fruto de uma ampla movimentação e mobilização de mais de vinte e sete autores/as e dois organizadores sobre as pesquisas e as investigações desenvolvidas no campo da História Oral no país. Adotando eixos e temas centrais para investigação como motes narrativos e analíticos, a obra evita análises já delimitadas a priori. Desta forma, apresenta-se como uma sistematização, um mapeamento, uma celebração e, em paralelo, um convite a novas mobilizações nesse campo que, segundo Ferreira e Santhiago, é por natureza um movimento em constante renovação e reinvenção.

## Referências Bibliográficas

ALBERTI, V. (2016). Dois temas sensíveis no ensino de História e as possibilidades da História Oral: a questão racial e a ditadura no Brasil. In: RODEGHERO, C. S.; GRINBERG, L.; FROTSCHER, M. (Orgs.). *História oral e práticas educacionais*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pp. 35-59.

ALBERTI, V.; GOMES, A. de C. (2024). Uma conversa sobre história oral e questões teórico-metodológicas. In: FERREIRA, M. de M.; SANTHIAGO, R. (Orgs.). *O desafio do diálogo: Reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*. Rio de Janeiro: FGV Editora. São Paulo: Letra e Voz, pp. 19-32.

AMATO, G. (2024). Lembranças de jovens e sobre as juventudes. In: FERREIRA, M. de M.; SANTHIAGO, R. (Orgs.). *O desafio do diálogo: Reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*. Rio de Janeiro: FGV Editora. São Paulo: Letra e Voz, pp. 149-158.

ARAUJO, M. P.; QUADRAT, S. (2024). História Oral da ditadura: esquerdas e militares. In: FERREIRA, M. de M.; SANTHIAGO, R. (Orgs.). *O desafio do diálogo: Reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*. Rio de Janeiro: FGV Editora. São Paulo: Letra e Voz, pp. 71-82.

BISSO SCHMIDT, B.; CANABARRO, R. (2024). História Oral e História Transviada no Brasil. In: FERREIRA, M. de M.; SANTHIAGO, R. (Orgs.). *O desafio do diálogo: Reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*. Rio de Janeiro: FGV Editora. São Paulo: Letra e Voz, pp. 159-170.

BOSI, E. (2009). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 15 ed. São Paulo: Companhia das Letras.

BUARQUE DE HOLLANDA, B.; RIBEIRO, R. R. (2024). História Oral e esportes: paralelismos, interfaces e cruzamentos. In: FERREIRA, M. de M.; SANTHIAGO, R. (Orgs.). *O desafio do diálogo: Reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*. Rio de Janeiro: FGV Editora. São Paulo: Letra e Voz, pp. 171-184.

FERREIRA, M. de M. (2024). A História Oral no Brasil e suas relações com a International Oral History Association (IOHA). *História Oral*, [S. l.], v. 27, n. 2, pp. 75-91. DOI: 10.51880/ho.v27i2.1502. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1502>. Acesso em: 26 jan. 2025.

GUIMARÃES NETO, R. B.; MONTENEGRO, A. T. (2024). História oral, memória e trabalho: reflexões. In: FERREIRA, M. de M.; SANTHIAGO, R. (Orgs.). *O desafio do diálogo: Reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*. Rio de Janeiro: FGV Editora. São Paulo: Letra e Voz, pp. 61-70.

HERMETO, M. (2024). História oral e artes: possibilidades e desafios para um campo e uma instituição. In: FERREIRA, M. de M.; SANTHIAGO, R. (Orgs.). *O desafio do diálogo: Reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*. Rio de Janeiro: FGV Editora. São Paulo: Letra e Voz, pp. 185-198.

LANG, A. B. da S. G. (2024). Espiritismo: reflexões de uma pesquisa. In: FERREIRA, M. de M.; SANTHIAGO, R. (Orgs.). *O desafio do diálogo: Reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*. Rio de Janeiro: FGV Editora. São Paulo: Letra e Voz, pp. 83-92.

LIMA, L. M. G. (2024). Velhices, história oral e as tessituras do urbano. In: FERREIRA, M. de M.; SANTHIAGO, R. (Orgs.). *O desafio do diálogo: Reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*. Rio de Janeiro: FGV Editora. São Paulo: Letra e Voz, pp. 105-112.

MAIA, A. C. N.; MONTYSUMA, M. (2024). História oral e meio ambiente: territórios em diálogo na experiência brasileira. In: FERREIRA, M. de M.; SANTHIAGO, R. (Orgs.). *O desafio do diálogo: Reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*. Rio de Janeiro: FGV Editora. São Paulo: Letra e Voz, pp. 93-104.

MAUAD, A. M. (2024). História oral e imagem. In: FERREIRA, M. de M.; SANTHIAGO, R. (Orgs.). *O desafio do diálogo: Reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*. Rio de Janeiro: FGV Editora. São Paulo: Letra e Voz, pp. 43-52.

OLIVEIRA, S. S. R. de; BORGES, R. C. S. (2024). História Oral e questões raciais: experiências e oralidades negras. In: FERREIRA, M. de M.; SANTHIAGO, R. (Orgs.). *O desafio do diálogo: Reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*. Rio de Janeiro: FGV Editora. São Paulo: Letra e Voz, pp. 137-148.

PRANTO, A. D. P. de M.; ANDRADE, E. P. de; ALMEIDA, J. R. de (2024). História oral e histórias de professores. In: FERREIRA, M. de M.; SANTHIAGO, R. (Orgs.). *O desafio do diálogo: Reflexões*

*sobre história oral nos 30 anos da ABHO*. Rio de Janeiro: FGV Editora. São Paulo: Letra e Voz, pp. 113-124.

RODEGHERO, C. S. (2024). História oral e ética: comunidades de prática e de escuta. In: FERREIRA, M. de M.; SANTHIAGO, R. (Orgs.). *O desafio do diálogo: Reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*. Rio de Janeiro: FGV Editora. São Paulo: Letra e Voz, pp. 32-43.

PORTELLI, A. (2016). *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz.

SANTHIAGO, R. (2018). História pública e autorreflexividade: da prescrição ao processo. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 23, pp. 286-309. DOI: 10.5965/2175180310232018286. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180310232018286>. Acesso em: 26 jan. 2025.

SOSSAI, F. C. (2024). História oral e formação de novos pesquisadores: breves notas de uma experiência de extensão. In: FERREIRA, M. de M.; SANTHIAGO, R. (Orgs.). *O desafio do diálogo: Reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*. Rio de Janeiro: FGV Editora. São Paulo: Letra e Voz, pp. 53-60.

VENÂNCIO RAMOS JÚNIOR, D.; SILVA, I. S. da; PEREIRA, A. dos R. (2024). História Oral à Amazônica: trajetórias de (des)aprendizagem. In: FERREIRA, M. de M.; SANTHIAGO, R. (Orgs.). *O desafio do diálogo: Reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*. Rio de Janeiro: FGV Editora. São Paulo: Letra e Voz, pp. 125-136.